

A proliferação da educação a distância: problematizando alguns discursos

Ketlin Kroetzⁱ 

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense, Sapucaia do Sul,
RS, Brasil

Diego Machado Ozelameⁱⁱ 

Universidade Federal Tecnológica do Paraná, Santa Helena, PR, Brasil

1

Resumo

O texto tem como objetivo problematizar alguns discursos sobre a proliferação da Educação a Distância (Ead) e a relação com novas formas de governo e sequestro subjetivo. Como material empírico, foram selecionados, no portal Scielo, seis artigos que fazem relação com a temática Modalidade a Distância e licenciaturas. Estes foram analisados tomando como fundamento as teorizações de Michel Foucault, mais especificamente seus escritos sobre análise do discurso e governamentalidade. Diante da análise foi possível perceber que as ideias trazidas nos escritos sobre flexibilidade, liberdade e inovação são equivocadas. Concluímos que o ensino EaD produz novas formas de mecanismos e controle, como as relações imateriais de trabalho. Estas apresentam uma falsa sensação de escolha dos indivíduos, quando por sua vez instauram um novo discurso com novas formas de subjetivação e novos mecanismos de controle. Por fim, podemos dizer que os discursos analisados reforçam ainda mais as alegações as quais buscam suprimir.

Palavras-chave: Educação à distância. Modalidade a distância. Flexibilidade,

The proliferation of E-learning: problematizing some discourses

Abstract

This work aims to problematize some discourses that deal with the proliferation of E-learning and the relationship with new forms of government and subjective kidnapping. As empirical material, six articles were selected on the Scielo portal that are related to the theme of Distance Learning and Degrees. These were analyzed based on Michel Foucault's theories, more specifically his writings on discourse analysis and governmentality. In view of our analysis, it was possible to perceive that the ideas brought in the writings about flexibility, freedom and innovation seem to us to be a mistake. We conclude that E-learning teaching produces new forms of mechanisms and control regulated by new control devices, such as immaterial work relations. These present a false sense of choice for individuals, when in turn they establish a new discourse with new forms of subjectivation and new control mechanisms. Finally, we can say that the analyzed discourses end up disseminating and further strengthening the allegations which they seek to suppress.

Keywords: E-learning. Environmental education in its modality. Flexibility.

1 Introdução

A modalidade de Educação a Distância (EaD) pode ser definida como todo o processo de ensino e aprendizagem no qual estudantes e professores não estão compartilhando o mesmo lugar físico simultaneamente necessitando que sua relação seja mediada por alguma tecnologia (MOORE; KEARSLEY, 2008).

De acordo com Saraiva (2006), em 1858, na França, foram emitidos os primeiros certificados para os alunos que estudavam por correspondência. As lições eram enviadas semanalmente para qualquer parte do país. Esses cursos universitários por correspondência ensinavam determinados ofícios que eram de pouco reconhecimento social, sendo direcionados a trabalhadores que não possuíam condições de estudar regularmente. Na Universidade da Pensilvânia, surgem os cursos via rádio, impulsionados pela necessidade de capacitação das classes populares na sociedade industrializada que estava sendo formada.

No Brasil, na década de 40, a Universidade do Ar passa a transmitir cursos de capacitação para professores e empresários por meio de programas radiofônicos. Mais adiante, na década de 1970, a Fundação Roberto Marinho e o Projeto Minerva ofereciam cursos supletivos por meio da TV (KENSKI, 2005). No que diz respeito às primeiras instituições universitárias com foco em EaD, estas começam a surgir a partir de 1951. Contudo, no Brasil, as atividades EaD não tinham tanta importância até a década de 90, o que foi modificado com a proliferação e comercialização da internet.

De acordo com Saraiva (2006), a internet redesenhou o cenário da EaD. Conforme dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), em 2021, o número de matrículas na modalidade a distância teve um crescimento de 23,3% em comparação aos anos anteriores. Iniciativas privadas e públicas na modalidade EaD começaram a surgir em maior número por volta dos anos 2000 e de acordo com dados do Inep mais atuais, ano de 2021 sobre o Ensino Superior na modalidade a distância, tivemos um crescimento exponencial na casa dos 474%.

A educação a distância (EaD) tem ocupado um espaço considerável nas discussões sobre a formação de professores atualmente. Tanto na ampliação do acesso ao ensino superior, bem como a tentativa de atrair mais sujeitos para a formação de Ensino Superior, entre outros, fez da EaD uma estratégia para muitos que não conseguiam frequentar universidades presenciais, como, entre outros, pela falta de tempo para frequentar aulas com dias e horários específicos.

3

Com o objetivo de problematizar alguns discursos que versam sobre a proliferação da Educação a Distância e a relação com novas formas de governo e sequestro subjetivo, foram selecionados, no portal Scielo, ao digitar a expressão Modalidade EaD e licenciatura, 6 (seis) artigos. Por se tratar de uma temática que apresenta diferentes vieses de discussão, nosso objetivo foi olhar para os textos que traziam, em seu discurso, a oportunidade de mais flexibilidade e autonomia. Este material foi problematizado a partir das teorizações de Michel Foucault, o qual permite perceber novas formas de governo e sequestro subjetivo. Esta ferramenta analítica, permite um olhar contraintuitivo sobre o material analisado, problematizando as relações discursivas imersas em trama de convenções. Em outras palavras, permite perceber as condições de possibilidade dos discursos.

2 Metodologia

Após à leitura e estudo dos artigos selecionados, estes foram analisados a partir das teorizações de Michel Foucault, mais especificamente seus escritos sobre discurso e governamentalidade.

A pesquisa é desenvolvida com base no método analítico arqueológico de Foucault. De acordo com esta abordagem de pesquisa, o material analisado é entendido como discursos que restringem e autorizam modos de pensar. Em outras palavras, o objeto da pesquisa não está no texto, mas nas configurações e condições de possibilidade (GUTTING, 2021).

Foi utilizado como critério para selecionar as palavras-chave, termos que tivessem conotação direta ou indireta com a temática do estudo. Alguns artigos, os quais não houvesse a palavra-chave, foram descartados depois de lidos, por não tratarem sobre o interesse da pesquisa, como por exemplo, processos de avaliação, materiais didáticos, plataformas digitais, *softwares*, entre outros.

Tabela 1: Artigos utilizados para a análise

Artigo	Autor(es)	Ano	Qualis
Habitus professoral na sala de aula virtual	Alexandre Marinho Pimenta; Carlos Lopes.	2014	A4
O processo dialógico de construção do conhecimento em fóruns de discussão	Rute Nogueira de Moraes Bicalho; Maria Cláudia Santos Lopes de Oliveira.	2012	A6
As inovações pedagógicas nos cursos de licenciatura em ciências naturais e matemática a distância dos institutos federais de educação, ciência e tecnologia no Brasil	Roberta Pasquali; Marie Jane Soares Carvalho.	2021	A3
Formação de professores de licenciatura a distância: o caso do curso de pedagogia da UAB/UECE	João Batista Carvalho Nunes; Viviani Maria Barbosa Sales.	2013	A5
Inclusão educacional, digital e social de mulheres no interior da Paraíba: uma experiência na UFPB	Rita Cristiana Barbosa Maria; Eulina Pessoa de Carvalho; Alejandra Montané López.	2018	A2
O tutor em Educação a Distância: análise ergonômica das interfaces mediadoras	Maurício Miranda Sarmet; Júlia Issy Abrahão.	2007	A1

Fonte: elaborado pelos autores (2023).

Após a leitura prévia e seleção dos artigos, destacamos o que consideramos importante. Os trechos foram recortados e colados em um novo arquivo com o objetivo de buscar alguma produção de sentido pela eles, dando início ao processo de análise. Posteriormente, ensaiamos algumas possibilidades para agrupar os fragmentos. Exercício nem sempre fácil, pois em muitos momentos os mesmos trechos estavam entrelaçados a diferentes significados. Como nos mostrou Foucault (2006, p. 255), o que importa “[...] é o fato de que alguém disse alguma coisa em um dado momento. Importante frisar que não é o sentido desses artigos que buscamos evidenciar, mas a função que se pode atribuir uma vez que essa coisa foi feita naquele momento”.

Ainda que soubéssemos da provisoriedade e variabilidade desse processo, ao reler os fragmentos, criamos sentidos para eles, o que nos fez enxergar o objetivo desse estudo sob diferentes ângulos, percebendo regularidades discursivas. Agrupamos os enunciados a partir de determinadas correlações e percebemos como eram operacionalizadas diferentes práticas que engendravam um modo de abordar a educação a distância no ensino superior, onde foi possível identificar certos códigos de conduta, os efeitos que eles produzem, as verdades que sustentam, as condições nas quais foram produzidos e as tensões que se estabelecem.

De acordo com a perspectiva foucaultiana de análise do discurso, quando tomamos um escrito sobre determinado assunto, veiculada em um jornal ou uma revista, devemos analisá-lo levando em consideração alguns aspectos. Entre eles, a relação de um discurso e sua composição quanto as suas condições de possibilidade, por exemplo, o sujeito que escreve, a revista que veicula, o leitor que a interpreta, entre outros. Em outras palavras, os sujeitos envolvidos e posicionados nessa prática social constituem o que está em jogo, sendo que alguma coisa foi dita, por determinada pessoa, em algum momento, em determinado período histórico.

Em A ordem do discurso, Foucault (1996, p. 9) destaca que toda sociedade possui produção discursiva “[...] controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos, que têm por função, conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível

materialidade.”. Longe de ser algo neutro e explícito, o discurso revela, toda sua ligação com o desejo e com o poder.

Desse modo, se o discurso é regulado por regras e práticas que produzem um modo de dar sentido à objetos e materialidades, percebe-se que estamos sempre obedecendo a um conjunto de regras e afirmando “verdades”. É nesse sentido que o conceito de prática discursiva, para Foucault (2013), está vinculado a regras determinadas em um tempo e espaço específicos. Faz-se necessário verificar como essas práticas emergiram, que “verdades” elas constituem e que efeitos elas produzem. Nesta esteira, tomamos a análise do discurso como uma ferramenta de análise neste escrito.

A partir da segunda metade da década de 1970, nos dois cursos ministrados pelo pensador Michel Foucault no Collège de France, seu pensamento se insere em uma lógica que busca compreender a biopolítica, e a noção de governamentalidade, transferindo a substituição da analítica de poder pela da governamentalidade estabelecendo uma mudança de ênfase.

Ainda que no primeiro curso, Segurança, Território, População, Foucault (2008) tivesse como objetivo estudar o fenômeno do biopoder, após a terceira aula suas análises começam a se centrar na questão da governamentalidade. O próprio filósofo reconhece que o título do curso poderia ter sido “história da governamentalidade” (FOUCAULT, 2008, p. 143), levando em consideração que a analítica de poder realizada estava muito mais voltada ao desenvolvimento das racionalidades governamentais e das tecnologias a elas relacionadas.

Para Kroetz (2019), nesse curso, Foucault (2008) destaca que sua proposta é dar o nome de governamentalidade a uma espécie de grade de análise para as relações de poder. Assim, a governamentalidade servirá como um modo analítico de olhar para o objeto de estudo como situado no interior de determinadas práticas que implicam governo de condutas, compreendendo analítica como o exame das “[...] práticas concretas, em sua ‘microscopicidade’, em sua especificidade.” (VEIGA-NETO, 2004, p. 2).

A pesquisadora ainda destaca que ao expressar seu entendimento sobre a governamentalidade como uma linha de força que conduziu todo o ocidente para uma

forma de poder, por excelência, o governo, vale destacar que antes de apresentar conotação política, nos séculos XIII, XIV e XV a palavra governo possuía uma série de significados, mas dentre todos os sentidos atribuídos a esse termo, algo se mostrava nítido: “[...] nunca se governa um Estado, nunca se governa um território, nunca se governa uma estrutura política. Quem é governado são sempre as pessoas, são homens, são indivíduos ou coletividades.” (FOUCAULT, 2008, p. 164). Nesse entendimento, a governamentalidade se trata, em suma, da arte de governar os homens. Isso porque a violência é sempre diretamente sobre um corpo e nunca sobre uma mente, o objetivo final é o corpo.

A partir do exposto, pensamos que governamentalidade pode ser compreendida como uma ferramenta analítica potente para analisar as relações de poder implicadas no modo como os sujeitos são conduzidos. Ao exemplificar a definição de governamentalidade, de modo sucinto, percebemos a produtividade desse conceito para pensar a temática EaD, compreendê-lo também como uma “noção metodológica” (NOGUERA-RAMÍREZ, 2009), pela qual tentaremos ver a disposição do material analisado.

Compartilhando alguns achados do estudo

Uma das características marcantes que encontramos nos artigos analisados é a característica flexível que o ensino EaD apresenta.

[...] a ruptura temporal do processo de educação, a flexibilidade na estruturação dos conteúdos e utilização de recursos tecnológicos, a ênfase na autonomia do aluno como gestor do seu processo de aprendizagem, entre outros. A1

Sabe-se que a cultura da EaD é construída sob as exigências da vida contemporânea: muito trabalho, pouco tempo, uso cotidiano frequente de TIC, desenvolvimento profissional contínuo e novas aprendizagens ao longo da vida. Nesse contexto, a EaD oferece flexibilidade de horários e maior autonomia no estudo, o que pode favorecer indivíduos que trabalham, em especial, mulheres, que têm dupla jornada, permitindo a conciliação entre estudo, trabalho e obrigações domésticas e familiares. A2

[...] encontrar/testar novas alternativas e modelos de EaD que atendam às necessidades e demandas diversas dos estudantes, das aulas presenciais, dos exames avaliativos, do estágio supervisionado etc. A2

Mecanismos compensatórios de recuperação, como mudança ou adição de avaliações e atividades. A4

A organização da disciplina em ambiente virtual, por temáticas e não por semanas, comum a dois dos entrevistados, é uma típica flexibilização temporal, que possibilita a ampliação dos prazos de entrega das tarefas por solicitação dos alunos. Já outro entrevistado disse que costuma deixar os fóruns “abertos” por mais tempo que o previsto, também mediante explicação ou pedido dos estudantes. Essa flexibilização temporal, pode ter tanto um caráter mais individual — casos de pessoas específicas que tiveram problemas ou dificuldades para envio — ou um caráter mais grupal, casos de ausência de acesso à internet no polo, por exemplo. A4

[...] os docentes se utilizam claramente de mecanismos de flexibilização e adaptação do programa da disciplina, tanto na hora da (re)formulação de disciplinas, quanto no decorrer do semestre por meio do fórum virtual e da comunicação entre discentes e docentes A4

[...]a flexibilização que a EaD possibilita atrai localidades e setores da sociedade que não possuem, na maioria das vezes, as mesmas oportunidades e condições de vida do aluno do curso presencial. A4
[...] essa perspectiva modifica imensamente o paradigma do ensino tradicional, que ainda se reflete nas metodologias em EaD, tornando possível a superação da visão de sujeito encapsulado, fazendo emergir um sujeito ativo, ator de seu aprendizado e coautor da aprendizagem alheia. A6

Uma inovação importante é fazê-los acreditar que a distância é ilusória, pois eles podem tornar-se autodidatas e assim são capazes de aprender independente do tipo de modalidade de ensino: a distância ou presencial. A3

Tendo em vista a necessidade de maior flexibilidade no acesso à educação, a educação a distância (EaD) apresenta-se como uma proposta que ganha cada vez mais espaço no Brasil. A5

Acrescentamos que esse profissional deve ser capaz de produzir ou adaptar o conteúdo para o perfil/nível dos estudantes sob sua responsabilidade e contribuir na definição da avaliação da aprendizagem. A5

O discurso de que a modalidade EaD é flexível se mostrou predominante nos artigos que analisamos. Como justificativa, destacamos a falta de tempo, a questão

da localidade, a possibilidade de atividades que o ambiente virtual possui. Apesar de compreender a polissemia desse termo e sua utilização em diferentes áreas, por flexibilização, pode-se compreender o conjunto de práticas cada vez mais flexíveis que são adotadas. Ainda que a flexibilização se encontre diretamente relacionada à renovação curricular permanente, realizada em virtude das modificações e necessidades sociais, o Ensino EaD, por meio de fóruns, *chats* e trabalhos que primam pela coletividade, na medida em que privilegiam um ensino voltado a temáticas que são do interesse dos estudantes, também priorizam a utilização de tecnologias, a tomada de decisões por parte dos estudantes, o trabalho em equipe, o método científico e o desenvolvimento de estudos que ocorrem além do ambiente escolar.

A expressão flexibilidade pode ser compreendida a partir de Richard Sennett (2001), quando afirma que tal palavra já era utilizada em língua inglesa no século XV para fazer alusão ao movimento das árvores em relação ao vento, e designava a “[...] capacidade de ceder e recuperar-se da árvore, o teste e a restauração de sua forma.” (Ibidem, 2001, p. 53). Essa capacidade de ceder e reestruturar a forma foi percebida nas pessoas ao longo dos anos, quando os sujeitos começaram a apresentar comportamentos maleáveis, propensão à mudança e adaptação fácil a novos acontecimentos. O comportamento flexível, para o sociólogo, fornece aos indivíduos uma falsa sensação de liberdade, pois ainda que a árvore se curve perante o vento, seus galhos sempre tendem a retornar à posição inicial. Isso nos faz pensar que a flexibilização do currículo, juntamente com uma pedagogia pautada no interesse dos alunos fornece uma falsa sensação de escolha aos indivíduos.

Ainda pensamos que a flexibilidade gera liberdade, pois imaginamos que características como a adaptabilidade e o estar aberto à mudança se trata de práticas que permitem ações livres... “ser humano livre porque capaz de mudança” (SENNETT, 2001, p. 54). Contudo, como destacado por Sennett (2001, p. 54), a quebra de estruturas rígidas acaba por produzir outros mecanismos de poder e de controle “[...] em vez de criarem as condições que nos libertam.”. As próprias tecnologias de governo utilizadas para conduzir a conduta dos sujeitos se tornarão mais suaves, mais açucaradas e mais flexíveis, pois novas formas de poder são

produzidas. Isso se aproxima do que Bourdieu (2012) chama de violência simbólica, quando por meio de narrativas e jogo de máquinas se sequestra, governa, produz e reproduz material e subjetividades.

Isso também nos possibilita pensar sobre formas diferentes de tecnologia de governo entre modernidade e pós-modernidade. Na primeira, a ênfase recai sobre um enclausuramento nas instituições, já na segunda, quase não há distinção entre o dentro e o fora, o que se mostra nítido no ensino EaD. Isso nos faz perceber que ainda que as fronteiras entre as instituições sejam menos perceptíveis, sejam mais flexíveis e nos passem uma ideia de maior liberdade, elas não são menos produtivas de poder.

Ao pensarmos o currículo, podemos dizer ocorre um deslocamento da estrutura disciplinar para uma organização curricular mais flexível que se utiliza da resolução de problemas, dos fóruns, dos ambientes virtuais e principalmente das tecnologias, uma organização sempre provisória “capaz de reversão a qualquer momento” (MORAES; VEIGA-NETO, 2008, p. 10). As habilidades a serem desenvolvidas pelos estudantes são cada vez menos técnicas e menos pautadas na transmissão de conteúdo, sendo caracterizadas, no ensino EaD e nas licenciaturas, pelas competências (cujo enfoque é a aquisição de saberes relacionados ao cotidiano dos estudantes). Contudo, o ensino EaD, aparentemente livre, agora é regulado por diferentes dispositivos, que seriam supostamente mais suaves.

Podemos dizer que a configuração contemporânea da escola, encontra-se ancorada nos modos de produção e nas relações imateriais do trabalho. Isso se percebe nas atuais críticas em relação ao modelo disciplinar, dado que tal organização deixaria “[...] pouco espaço para a tomada de decisões, para a cooperação e para o desenvolvimento da inventividade, distanciando-se do interesse dos alunos e tolhendo sua autonomia.” (SARAIVA, 2014, p. 150, grifos nossos). Essa necessidade de mudança percebemos na mídia, nos discursos sobre educação, nas políticas públicas, entre outros, e o enfoque vem sendo dado à tomada de decisão dos alunos e ao interesse deles, haja vista que as novas características da escola se encontram muito mais em consonância com o capitalismo cognitivo e o trabalho imaterial do que com as organizações disciplinares, onde a flexibilização do ensino se mostra como um aspecto cada vez comum.

Outro aspecto marcante e percebido na análise dos artigos foi o discurso da utilização das Tecnologias da informação e comunicação (TICS) e da inovação que esse tipo de ensino apresenta. Vejamos para o que apontam alguns excertos:

[..] a EaD se baseia no uso de artefatos tecnológicos, de tal forma que o discente se insere, necessariamente, em dois processos de inclusão: digital e social.” A2

“[...] o acesso e o domínio das TIC são fatores de inclusão educacional e social. A2

Desses dois aspectos – lugares e tempos diversos e mediação tecnológica – decorrem outros igualmente importantes, como as capacidades de manejar softwares e ferramentas, de desenvolver interações virtuais e de aprender com autonomia, acessando fontes de informação e pessoas on-line, que configuram um modo de aprendizagem distinto da aula presencial. A2

[...] a EaD pode ser considerada como uma possibilidade real de ampliação da democratização do acesso ao conhecimento científico sistematizado. Por possuir características próprias, ela se apresenta como um processo de inovação da educação formal, já que impõe a necessidade de novas aprendizagens e ensinagens por parte de quem planeja, desenvolve e avalia. A3

[...] continuamos a formar professores que não são capazes de atuar através das TICs e justificamos dizendo que as redes de ensino ainda não apresentam uma realidade que torne a atuação através das TICs favorável/indispensável. Com isso, mais uma geração de professores está sendo formada e a dificuldade de atuação através das TICs permanece. Quanto tempo ainda levará para superar o quadro, o giz e a fotocópia? A3

Trata-se de um dos grandes diferenciais que a atual tecnologia digital oferece à EaD e um dos fatores que possibilitou a grande expansão da EaD nos últimos tempos. Pelo fato de a EaD estar diretamente relacionada a inovações tecnológicas e à aprendizagem autônoma, Formiga (2009, p. 39) apontou que “a EaD está intrinsecamente ligada as TICs por se constituir setor altamente dinâmico e pródigo em inovação. A5

É preciso considerar que a EaD possui formas e organizações específicas. Nela, por exemplo, falar e ouvir são, muitas vezes, substituídos por escrever e ler. A interação educacional precisa ser planejada, constituída, testada e avaliada com base nos objetivos pedagógicos que consideram essa modalidade de educação. De efeito, a formação dos professores deve levar em conta novos saberes que precisam ser mobilizados pelos docentes. Esses novos saberes

estão estritamente relacionados, dentre outros, com o aprendizado de novas formas de interação com os alunos (mediada pela tecnologia) e de produção de materiais com linguagem apropriada. A5

A importância dada às TICS, bem como o discurso da inovação apontam, mais do que ferramentas que podem ser utilizadas no processo de ensino e de aprendizagem, mas recursos que adquirem um status de poder e interpelam o sujeito a significá-los de modo positivo, uma vez que, ao realizarem um reconhecimento sobre o papel das tecnologias em sua formação, acabam por se identificar com discursos de que sua formação está sendo inovadora.

Desde a escola nova tem se pensado que as práticas inovadoras poderiam salvar o aprendizado, juntamente com um ensino que valorize o interesse dos estudantes, a realidade na qual ele está envolto e, sendo assim, a inovação seria necessária para uma melhor aprendizagem. Pensar assim, posiciona o estudante em um ambiente que dissemina o discurso de que ele estará preparado, e que sua formação vai ao encontro das necessidades e exigências de um mercado atual, que exige um determinado perfil, o de estudante autônomo, capaz de inovar e utilizar as mais diversas tecnologias, naturalizando a ideia de uma tecnologia como uma essência e necessidade.

Os discursos que versam sobre a EaD nos parecem marcados pela contradição de que ao mesmo tempo em que tal educação proporciona autonomia e liberdade aos sujeitos, seleciona quem pode participar dela.

Tais tecnologias participam de uma transformação no modo como os indivíduos constituem a si mesmos e modulam sua identidade a partir da relação com o outro, mais especificamente com o 'olhar' do outro. Pierre Lévy é um autor bastante empregado ao abordar EaD, uma vez que este auxilia e orienta docentes a novos processos de aprendizagem, resignificando saberes. Os conceitos do autor são utilizados em diversos textos sobre a EaD, usados com frequência como justificativa para introduzir as TICs na educação e utilizar diferentes práticas pedagógicas.

Contudo o que destacamos é que essas performances cada vez mais inovadoras e flexíveis, modifica as formas de ser professor e estudante instaurando novos modelos de práticas de sequestro subjetivo. Isso cria formas de pensar a

educação, que num primeiro olhar, pode nos parecer práticas renovadas, mais abertas e flexíveis, levando a acreditar que seriam formas menos persuasivas de controle. Contudo, quando bem analisadas numa perspectiva foucaultina, podemos perceber formas de subjetivação muitas vezes mais hostis de controle e com menos autonomia ao sujeito.

4 Considerações finais

13

Por meio da análise realizada, percebemos que a incidência de um discurso que o ensino EaD seria uma forma mais flexível de ensino, não faz relação com mais liberdade, pelo contrário. Embora em um primeiro olhar, a noção de flexibilidade estaria relacionada a mais liberdade, podemos observar que o ensino EaD produz novas formas de mecanismos e controle reguladas por novos dispositivos de controle, como por exemplo, as relações imateriais de trabalho. Estas, que por sua vez, apresentam uma falsa sensação de escolha dos indivíduos, apresentando uma falsa sensação de liberdade e autonomia quando apresenta novas formas de subjetivação muitas vezes mais hostis de controle por meio de outros discursos criando novos mecanismos de controle

Exemplo disso é quando evidenciamos na análise, os discursos que estabelecem relação entre a noção de liberdade quando o ensino EaD proporcionaria maior autonomia dos estudantes, e por consequência a ação de tomada de decisões. Isso nos parece um equívoco, uma vez que as novas características do ensino EaD estão muito mais em consonância com o capitalismo cognitivo e o trabalho imaterial do que com as organizações disciplinares as quais a flexibilização do ensino permitiria modos e condições favoráveis para maior autonomia e tomada de decisões.

Também observamos na análise dos artigos um discurso sobre a inovação (TICs) como algo melhor frente as formas anteriores. Não foi o que entendemos na análise realizada. As inovações tecnológicas na educação e mais especificamente nos processos de ensino interpelam novos modelos de práticas e sequestros subjetivos que necessariamente são seriam melhores. O discurso positivo da inovação, associado a liberdade e autonomia do sujeito, comumente dado às TICs

nos parece marcado por uma contradição, pois ao mesmo tempo em que se diz proporcionar autonomia e liberdade aos sujeitos, ao mesmo instante seleciona quem pode ou não participar dela.

Estas reflexões contribuem para compreender que o EaD antes de ser um ensino mais inovador e flexível, modifica as formas de ser professor e estudante, instaurando novos modelos de práticas, discursos e dispositivos de sequestro subjetivo. As problematizações trazidas permitem percebermos e ficarmos alertas diante de discursos que ao explicitar alguns termos acabam por disseminar e reforçar alegações as quais buscam suprimir.

Tendo em vista que os processos de entendimento são multidimensionais, não tivemos intenção de exaurir o assunto nem mesmo generalizá-lo, até mesmo porque na perspectiva trazida em nossa análise as restrições e autorizações de pensar se ativam em um período social, político e educacional determinado.

Referências

BOURDIEU, Pierre. Violência simbólica. **Revista Latina de Sociología**, v. 2, n. 1, p. 1-4, 2012.

BRASIL. Secretaria do Ensino Superior. **Referenciais de qualidade de EaD para Cursos a Distância**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/ReferenciaisdeEAD.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2022.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 3 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

FOUCAULT, Michel. Diálogo sobre o poder. In: MOTTA, M. B. da. (Org.). **Michel Foucault: Estratégia, Poder-Saber**. 2. ed. Rio de Janeiro, 2006. (Ditos e Escritos, v. 4). p. 253-266.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território, população**. Curso no Collège de France (1977- 1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GIOLO, Jaime. A educação tecnológica superior no Brasil: os números de sua expansão. In: MOLL, J.; SAVEGNANI, P. (Org.). **Universidade e mundo do trabalho**. Brasília, DF: INEP, 2006. p. 109 134.

GOVERNO DO BRASIL. “Cresce o número de matrículas no ensino à distância, aponta Censo da Educação Superior”. Disponível em: [Serviços e Informações do Brasil](#). Acesso em 06 de fevereiro de 2023. 2022.

GUTTING, Gary. **Foucault**: uma brevíssima introdução. Editora Unesp, 2021.

KENSKI, Vani. **O desafio da educação a distância no Brasil**. Disponível em: <https://www.ufjf.br/faculdadedeeducacao/> . Acesso em: 10 abr. 2022.

15

KROETZ, Ketlin. **Evasão escolar e governamentalidade**: uma analítica das tecnologias de governo para a manutenção de todos na escola. 2019. 299. Tese - Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática da Escola de Ciências da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 2019. Disponível em : [000496031-Texto+Completo-0.pdf \(pucri.br\)](#) Acesso em 23 de novembro. 2022.

MOORE, Michael. KEARSLEY. Educação a Distância: uma visão integrada. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

MORAES, Antônio Luiz; VEIGA-NETO, Alfredo. Disciplina e controle na escola: do aluno dócil ao aluno flexível. In: **Anais do IV Colóquio Luso-Brasileiro sobre Questões Curriculares**. Florianópolis: UFSC, 2008. p.1-18.

NOGUERA-RAMÍREZ, Carlos Ernesto. **O governo pedagógico**: da sociedade do ensino para a sociedade da aprendizagem. 2009. 266f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

SARAIVA, Karla Schuck. A aliança biopolítica educação-trabalho. **Pró-posições**, Campinas, v. 25, n. 2, maio/ago., p. 139-156, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pp/v25n2/08.pdf>. Acesso em: 4 abr. 2022.

SARAIVA, Karla Schuck. **Outros tempos, outros espaços**: Internet e Educação. 2006. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter**. 5. ed. São Paulo: Record, 2001.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & a Educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

ⁱ Ketlin Kroetz, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8055-8124>
Pontifícia Universidade Católica-RS

Doutora e mestra em Educação em Ciências e Matemática no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática da PUCRS. Possui graduação em Licenciatura Plena em Matemática pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2012).

Contribuição de autoria: escrita e análise dos dados.

Lattes: : <http://lattes.cnpq.br/0390427253445059>

E-mail: ketlin_smh@hotmail.com

ii **Diego Machado ozelame**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5202-3261>

Universidade Tecnológica Federal do Paraná UTFPR

Doutor em Ensino de Ciências e Educação Matemática pela Universidade Estadual de Londrina -

UEL/PR. Mestre em Educação em Ciências e Matemática - PUC/RS. Licenciado em Ciências

Biológicas pela Universidade de Caxias do Sul – UCS

Contribuição de autoria: escrita e análise dos dados.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5689484574778255>

E-mail: diegozelame@utfpr.edu.br

Editora responsável: Karla Colares Vasconcelos

Como citar este artigo (ABNT):

KROETZ, Ketlin; OZELAME, Diego Machado. A proliferação da educação a distância: problematizando alguns discursos. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 4, n. 1, 2023.